

O Christianismo

JORNAL RELIGIOSO

FÊ

ESPERANÇA

CARIDADE

Assignatura

Ovar (anno)..... 600 reis
Pelo correio..... 700 »
Redacção e Administração, R.
da Graça—Ovar

Director—*Manoel Lopes Guilherme*

Proprietario e Adm.^{or}—*Placido Augusto Veiga*

Composição e impressão, *Typ. «Ovarense»*
—* Rua da Graça—OVAR *—

Annuncios

Por cada linha.....50 reis
Repetição.....25 »
Acceta-se collaboração des-
de que seja religiosa.

Semana Santa

A grande Semana ou a Semana Penosa são os dias que cada ano o catolicismo consagra à memoria da Paixão e Morte do Homem-Deus.

Se procurarmos a sua origem, achamos que éla é tão antiga, como a religião que professamos. Os primeiros cristãos guardaram-lhe sacrosantamente a memoria, e os Césares romanos, feita uma vez a sua abjuração aos deuses, ordenaram que se consagrasse toda esta semana a honrar o sofrimento e trespassse do divino Filho de Maria.

A Quaresma, a época severa, que mais austeramente condèna o vicio e clama pela virtude, inicia-se logo pela imposição das cinzas, com o intuito de recordar-nos o que somos e ao que volvemos.

Pulvis es! Pò é o que somos! Átomos da terra, aos quais Deus insufla vida por alguns breves dias, à terra voltamos, quando a mão do Omnipotente a isso nos obriga, sem que força alguma d'este mundo, por mais possante que seja, impedir possa a execução da ordem divina!

A Quaresma, a santa Quarentena, honra especialmente os quarenta dias que o Senhor passou no deserto, jejuando e orando, como preparatorio para o seu bñtismo de sangue no lenho bemdito da Cruz.

Acabam, pois, de transcorrer mui

pacatamente esses dias, em que a Igreja nos manda orar e recolher ao intimo da nossa consciencia, e deslisaram éles n'uma indiferença tal, como se fossem outro qualquer tempo profano.

Longe, bem longe vão os dias de penitencia, em que a cinza ensombrava a fronte dos pecadores, a quem o remorso lancinava a alma, e que buscavam redimir-se da macula da culpa, macerando o corpo e praticando a abnegação.

Os tempos, hoje, são outros. As compleições, fraquissimas e dessorradas na generalidade, e os espiritos sem fê (*tão fortes éles se ostentam!*) genuflêtem ante o que é justo derruir, e riem do que adorar deviam!

É esta a triste verdade!

Não quero dizer com isto que um fanatismo mal entendido me leve a desejar ver o resurgimento de usos e costumes d'um preterito, que não tem hoie razão de ser. A Igreja, cheia de indulgencia, compreende as épocas e adapta-lhes o seu espirito, amoldando-se a élas. Queriamos, sim, convicções mais fundas, mais vivas, mais arreigadas.

Estamos convencidos de que esta leviandade de costumes, que não é mais do que fraqueza de espiritos anémicos, provém do abuso das forças corpóreas, gastas pelos libertinos nas orgias do vicio, e pe-

los crentes também, muitas vezes, em penitências e exagêros, que Deus por certo lhes não exige, antes pelo contrario reprova e condêna.

Mas... deixemos estas fugidias considerações, e retomemos o fio do nosso assunto encetado.

Encontramo-nos quasi no terminus dos dias mais serios do ano, que foram quebrados pelo estridor pagão dos bailes e regosijos da Semi-Quaresma, nota disparatadamente carnavalesca e tão mal cabida em quadro tão grave e respeitoso.

Hontem celebrou a Egreja a entrada triunfal de Jesus, o doce, o bom, o santo Deus-Humanado, na risonha Jerusalem.

Que bêla era ainda n'este dia a mística flor da Palestina, com o seu tempo ao Deus Uno, com as suas muralhas soberbas de arrogancia, com as suas torres e minarêtes, incendiados pelos raios do sol oriental, que tão bem se casavam com a sua majestade altivamente dominadora!

Que formosa era ainda n'este dia a conquistada por David, toda louçã e risonha, com a alvura das pombas a esvoaçarem no adro d'Israel, e com a candida pureza das suas virgens, a perpassarem soberanas e immaculadamente castas, tocando ao de leve com a fimbria dos seus mantos ondeantes as abrotêas e ciclomens que alcatifavam a rua, ao passo que as cítaras e alaúdes, feridos em suas cordas por mãos frementes d'entusiasmo, acompanhavam os *Hosanas* ao doce e santo Emanuel!

Pobre Jesus! Como todos esses triunfos lhe haviam de confranger o coração, sabendo, pela presciencia divina, que toda essa gloria seria em futuro breve mais efêmera que a verdura das palmas com que lhe juncavam o caminho, e mais fu-

gaz que o meteoro, que rasga ve-loz o espaço, onde desenha uma tira de luz que o olhar mal segue, tão fugidia êla è!

E o seu olhar, calmo e doce, an-



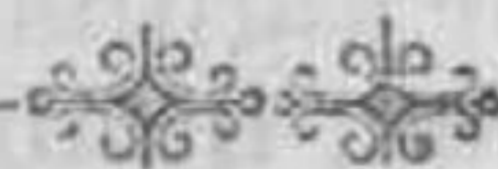
te essa perspêctiva, que lhe apertava a alma n'um cingulo de saudades e compaixão, transluzia cheio de pranto, que breve lhe beijava as faces

em trêmulas camarinhas de cristal!

Vai para 20 seculos, ô Cristo, que coroaste de bondade, d'amor e perdão o teu ideal sublime e singular, agonisando na colina escalvada do Gólgota! E, após esse fâto sem igual, se ainda ha muitos homens, que desconhecem ou negam por impiedade a tua doutrina tão pura, o teu exemplo sem segundo e os beneficios da tua missão, a maioria do orbe segue, embora imperfeitamente, as tuas maximas sacrosantas, e adora-te profundamente no mais recondito das suas almas agradecidas! Maior que o de nenhum conquistador da terra é o exercito dos crentes que se acolhem e combatem à sombra alentadora e gigantea dos braços da tua Cruz!...

Aveiro, 21-3-910.

P.^o Bruno Teles.



ENTRADA EM GERUSALEM

Entre as palmas, as glorias, as bandeiras,
Sobre um jumento, o Mestre entra em Sião,
Deitam-lhe aos pés as palmas das figueiras,
Estendem-lhe os seus mantos pelo chão.

Hossana! grita a plebe alvoroçada,
Hossana! clamam pelas ruas fóra;
=Mas na cidade antiga e condemnada
Só o Rabbi, silencioso, chora.

G. L.

A traição e o Martyr

Estamos na semana Santa! semana em que o orbe catholico commemora a paixão de Jesus Christo. Ha 19 seculos que se passou a horrivel tragedia do Golpho, em que um innocente Justo derramou até á ultima gotta o seu preciosissimo sangue, afim de redimir o peccado, a culpa que não era sua. A sua extrema bondade levou-o a descer do seio do seu eterno Pae, até nós. Elle, que é invisivel aos olhos da humanidade e todo poderoso, fez-se pequeno e tornou-se visivel sob a fórma humana, para nos ansinar com o seu exemplo o amôr á humildade e á virtude!... E em 3 simples palavras: Fê, Esperança e Caridade—compendiou toda a sua santa e sublime doutrina.

Passou a vida fazendo o bem—*transit beneficiendo*—espalhou prodigamente os seus beneficios: deu vista aos cegos, audição a mudos, movimento a paralyticos; vida a mortos; enxugou muita lagrima, e derramou o balsamo da consolação em muitos corações ulcerados pelo peccado. Ensinou-nos essa oração sublime (Padre Nosso) e Elle proprio a recitava muitas vezes. Não se cançou de espalhar por toda a parte os seus beneficios, os seus dons, as suas misericordias.

E em paga de tanto bemfazer recebe o desprezo, a calumnia, a traição e a morte. E com que resignação não recebe tudo isto o manso cordeiro!!!

Quem me dera poder descrever a humildade, a paciencia e mansidão com que Jesus recebe os cruéis acontes que lhe rasgam as carnes impietosamente; quem me dera saber descrever a ternura com que Jesus—o pacientissimo Jesus—acceitou a canna verde por sceptro, a corôa d'espinhos por corôa real e um farrapo velho por manto de purpura de reis! Tudo isto foi dado ao rei dos reis, para o escarnecer, expondo-o á gargalhada da gentalha!...

Tudo acceprou Jesus com a resignação de verdadeiro justo que era!... Demais sabia Elle antecipadamente quão doloroso

havia de sêr o seu martyrio, o quanto havia de soffrer na sua paixão pelos homens, até que exalasse o ultimo suspiro na cruz e entregasse o seu espirito ao Eterno Pae, donde dimanou! Que ternura, que infinita bondade manifestou sempre no seu martyrio!! Que humildade, que manso cordeiro!... deante dos seus algozes que Elle podia aniquilar com um só olhar seu, ou com um só acto da sua vontade! O rei dos Reis, o Senhor dos Senhores, o Supremo Senhor dos céus e da terra, que assenta o seu throno sobre os espiritos angelicos, esse Soberano, a quem os elementos obedecem, não teve uma queixume, nem maldição para aquelles que atrozmente martyrisaram um Innocente! Só tinha palavras de perdão e benção para os seus verdugos! Que infinita bondade!...

Por mais que se busque nas paginas da Historia, não se encontra quem, de natureza humana, tanto pudesse soffrer. Só um sêr divino podia supportar innocente-



mente tantas angustias e affrontas! Só um sêr divino podia supportar que á ceia e á mesma meza estivesse Judas, o traidor que já o havia vendido e que horas depois o entregaria aos

algozes com um perfido beijo.

O horrendo traidor, que, com os teus malditos labios, tocaste a divinissima face d'O que te amou e que horas antes te sentou ao seu lado em casa de Heh! Abi na ceia repartia contigo do cordeiro paschal; ahi deu pão, symbolo da conciliação, e tu com o desespero no coração, lançaste-o ao chão, mas nem assim te arrependeste, pois que consumaste o acto da tua traição que havias principiado ambiciosamente, pela miseravel quantia de 30 dinheiros, e assim perdeste o amigo dos amigos, o senhor dos Senhores! Entregaste a victima do teu horrendo crime aos algozes e a tua alma a Lucifer! As gerações te amaldiçoa-

ram e amaldiçoam ainda e os proprios que te pagaram a maldita traição, de ti tiveram nojo, e olharam-te com rancôr, como ainda hoje se olham os da tua laia! Da tua hedionda traição ficou seiva ou semente venenosa que, como a lepra, tem o seu contagio empestante e germina n'este valle de tormentos!

O martyr do golgotha morreu, mas venceu! Legou-nos em seu testamento um manancial de graças; foi prodigo na distribuição. No seu testamento legou-nos: allivio para todos os males, balsamo para todas as feridas, consolação para todos os que choram, lenitivo para todas as maguas. Finalmente legou-nos a sua santa e sublime doutrina que se compendia n'estas palavras:—Fé, Esperança e Caridade.

1910.

Ignotus.

NO HORTO

Maria, com seus olhos magoados céos espirituaes, lavava em pranto as largas chagas de Jesus, enquanto ria ao pé um dos tres crucificados.

Semblantes de mulher mortificadas escondiam a dôr no casto manto. Uma mulher de Hennon chorava a um canto Jogavam sobre a tunica os soldados.

Martha, os pingos de sangue, alva açucena, Dir-se-ia no bom seio recolhel-os. Alguns riam, brutaes, d'aquelle pena.

Solomé tinha um mar nos olhos bellos, João fitava a Cruz. Mas Magdalena limpava a Christo os pés com seus cabellos.

G. L.

As sete palavras de Christo

A' borda do lago de Tiberiades, um homem vestido com a tunica do povo, sentado na encosta da montanha, alongava a vista pelas orlas do mar da Galilêa, e contempla as ondas espessas das multidões, que se lhe avizinham, bradando clamores de vassalagem, como se a montanha fôra

um throno, e o homem do povo o rei das multidões.

Este homem, saudado pelas turbas, fugira ao alarido que reclamava a corôa de David para aquella fronte real, onde a mão do Senhor escrevera os gloriosos destinos da Judea.

D'entre os que lhe apregoavam a magestade, haviam uns que juravam a grandesa d'aquelle homem pela formosa luz, que a sua vontade omnipotente lhes derramára nos olhos, cerrados desde o ventre materno. Outros, ha pouco levantados do estrado da agonia, juravam a presença do Messias n'aquelle homem, que os mandára erguer e caminhar, como se a sua voz tivesse o imperio d'aquelle que soára entre os relampagos do Synai. O filho da viuva de Nahim, invocado das regiões da morte pela voz d'aquelle homem, jurava, em nome de Deus, a divindade do que fôra sentar-se no cimo da montanha, para dominar o universo como rei da criação. As irmãs de Lazaro, rodeadas de povo, contavam a resurreição de seu irmão; e Maria Magdalena rompia, delirante, por entre as turbas, para derramar novas lagrimas aos pés d'aquelle homem de Nazareth.

Eram passados tres dias, e aquelle homem do povo, que arrastava apôz si as turbas, o rei d'aquellas massas tumultuosas, que se prostravam ao aceno d'um hebreu, que não trajava as ricas franjas, nem ostentava os pergaminhos dos principes da Synagoga, Jesus de Nazareth, fallando a homens tão pobres como elle, disse n'um tom de piedade, que revelava ao mesmo tempo a soberania de Mestre:

«Teuho compaixão d'este povo, porque ha tres dias que está comigo, e nada tem que comer; e se o despeço para suas casas, sem ter comido, faltar-lhe-hão no caminho as forças, porque de muito longe alguns vieram... Quantos pães tendes?»

—«Sete»—responderam os discipulos.

A um aceno de Christo quatro mil homens se assentaram.

Fallou a linguagem mysteriosa da sua vontade Omnipotente, e os sete pães se multiplicaram entre as mãos dos discipu-

los. Seus labios proferiram palavras de benção sobre alguns peixes e as multidões ergueram-se saciadas, para de joelhos entoarem o cantico de graças ao filho de David.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que mandaste erguer do sepulchro a Lazaro, e hafejaste o halito da vida na face morta do tão chorado filho da viuva de Nahim.

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que destes vista aos cegos de Bethsaida e Jericó e áquelles que, nunca illuminados pela luz do sol, foram visitados nas suas trevas pelo raio da luz celestial, que lhes mostrou o Filho de Deus!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que tiveste piedade d'aquella grande afflicção, que dobrou a orgulhosa fronte d'uma cananea a vossos pés!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sobre o dorso da tempestade, estendeste a mão ao discipulo, que se julgou perdido, nas voragens da procella, que se retrahiu apavorada, quando a vossa mão lhe reprimiu as iras!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que reanimaste os membros entorpecidos do paralytico de Jerusalem, e o mandaste caminhar com o seu leito, que ha 38 annos lhe fôra o eculo tormentoso de dores incuraveis para os filhos dos homens!

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que recebeste o possesso de Geraza, quando, sahido de entre os sepulchros, rojando os cadeados que lhe algemavam as furias, se prostrou perante vós, exclamando «Que ha entre mim e vós, Jesus, Filho do Altissimo?!»

Bemdito sejaes vós, meu Deus, que sois o Pai d'este povo, sobre quem o Senhor, na hora da penuria, derramou os pães multiplicados, porque não quizestes que a vossa palavra descesse ao coração de vossos filhos, á custa de fome e sacrificios pesados á sua fragillidade!

*

E' este, pois, o Senhor dos exercitos, que o povo hebreu acclamou ha pouco nas ovações ruidosas do Cedron.

tivaes d'aquella hosanna ao Filho de David, a cujos pés a purpura dos mantos é alcatifa real que conduz o ungido do Senhor ao throno dos reis de Israel!

Descei, archanjos da gloria! Vinde ser o cortejo d'este grande do céu, porque o Senhor do universo, rodeado de pobres, não terá, sentado sob o docel de Salomão, o seio d'um grande da terra, onde reclinar a sua fronte real!

E d'entre os globos de luz, que passam desde o seu primeiro dia aos pés do Eterno, desceram myriades de archanjos para coroarem a fronte do Christo, que viera a triumphar do inimigo irreconciliavel dos céus.

A corôa era d'espinhos, porque o seu throno era uma cruz, e os hymnos da sua victoria eram imprecações blasfemas, e os oleos fragrantes das ceremonias reaes eram gotas de sangue esprimidas pelos açoutes, pelos cravos, pela lança, pelos espinhos, e pela ingratição do genero humano!

A mão, que multiplicára os pães, e levantára o Lazaro do tumulo, e afastára a escuridão dos olhos aos cégos de nascimento, era trespassada pelo cravô com que a justiça d'Israel decretava que a mão facinorosa d'um salteador, horrifado pelo sangue de innocentes, fosse atravessada.

Jesus, erguido ha pouco nos braços das tribus, que se atropellavam para beijarem os vestigios de seus pés, é agora, pelos mesmos braços, exaltado ao supremo fastigio dos flagellos!

Aos pés da cruz debate-se um coração nas agonias maternas; lucha entre a vida e a morte um discipulo d'aquella Justo, que expira; e vociferam palavras de escarneo os labios d'um povo, que dias antes beijára os pés sacrosantos do enviado do Senhor.

O sangue de Jesus-Christo, pedido pelas turbas no pateo de Poncio-Pilatos, borrafa as faces dos deiciadas. Deus, que rasgára as cataratas do céu sobre a geração pervertida dos primeiros homens; Deus, que vertera o fogo abrasador no seio corrupto de Sedoma; Deus que sepultara nas ondas o exercito de Faraó; Deus, que so-

Resoam nas ruas de Sião os eccos fes-

prara o incendio do exterminio nas hordas amaldiçoadas dos Felistheus; Deus, que enviara seu Filho Unigenito a remir uma raça, que Lucifer algemara aos eternos postes do inferno; Deus... despede o archanjo da desolação sobre o povo, que dilacera as carnes do Redemptor, quando seu Filho, elevando-lhe os olhos enturvados pelo sangue que lhe desce dos espinhos, exclama:

Pai! Perdoa-lhes que não sabem o que fazem

Jesus Christo, nos dias do seu triumpho entre os homens, que chamara seus filhos, dissera, que não queria a morte do peccador, mas a sua vida pela sua conversão.

O Senhor perdoara aos Israelitas rebeldes, depois que gemeram longo captiveiro de lagrimas e trabalhos.

O Senhor attendera as afflicções da rainha Esther, que lhe pedia a conservação do seu povo.

O Senhor ouvira os gemidos de Jonas, que anciava as torturas da morte no ventre da baleia.

O Senhor perdoara duas vezes ao Reipropheta, depois que o grito do coração repêso lhe estalou nas cordas da harpa.

O Senhor perdoara ao rei Achab, depois que os cilícios da penitencia lhe ulceraram as carnes.

O Senhor permittira que a semente do perdão germinasse no coração criminoso, regado pelas lagrimas de Ezequias.

O Senhor erguera sobre o throno o rei Manasses, que se revolvía no pó da humilhação.

O Senhor levantara ao fastigio da grandeza Nabucodonosor, que sete annos curvára a fronte de rei nos pastos, onde se alimentavam os cavallos de Babilonia.

O Senhor recebera os publicanos, e enchera o céu de canticos d'alegria quando um peccador afogava nas suas lagrimas o verme do crime, que lhe roía a existencia.

O Senhor, que do alto da cruz, contemplava no fim das gerações o tremendo

dia do juizo, pedia a seu Eterno Pae perdão para aquelles que não sabiam o que faziam, perdão para nós, que lhe roçamos nos labios a esponja de fel, perdão para nossos filhos, que mandarão ao fim dos seculos uma posteridade polluida pelo sangue do cordeiro innocente!

E nem a humildade com que morria aquelle Justo, sem lançar no rosto de seus algozes tantos beneficios que fizera a seus irmãos, serenou as iras da voseria tumultuosa, que lhe atirava á face ensanguentada affrontas e insultos. O anjo das trevas inspira os algozes de Christo, para que o beneficio da redempção não fosse operado n'aquelles, que blasfemaram até ao derradeiro instante da morte do Redemptor.

Ao lado do padecente ha dois homens que se estorcem no martyrio da Cruz. O máu, como symbolo da desesperação na miseria céleste, invectiva contra a impotencia d'um Deus, que se não salva, nem o livra a elle dos tormentos da cruz. O outro, imagem do crime que se lava nas doces lagrimas do arrependimento, pede ao benefeitor d'ingratos, que lhe dão em paga um supplicio, que, no reino do céu, lhe não sejam pesadas as suas culpas.

Hoje serás comigo no Paraizo

lhe respondeu o Filho de Maria, como se d'aquelle seu elevado eculeo de tormentos respondesse ao maior dos criminosos do genero humano, que na hora do remorso atribulador, n'esse instante de suprema afflicção exclama: «Jesus-Christo! sêde misericordioso comigo! Eu creio na vossa omnipotencia, e não tenho lagrimas que valham o perdão do menos grave de meus crimes!»

N'estes trances, em que o homem cede ao grito da consciencia; n'esta intima peleja das trevas com a luz; n'este subir d'espírito para o seio de seu creador... qual de nós não anciará pelo amor de mãe celeste, que junto do Altissimo balbuciasse a supplica do nosso perdão?!

Felizes aquelles que acordaram do afflitivo pesadello do crime, porque o Se-

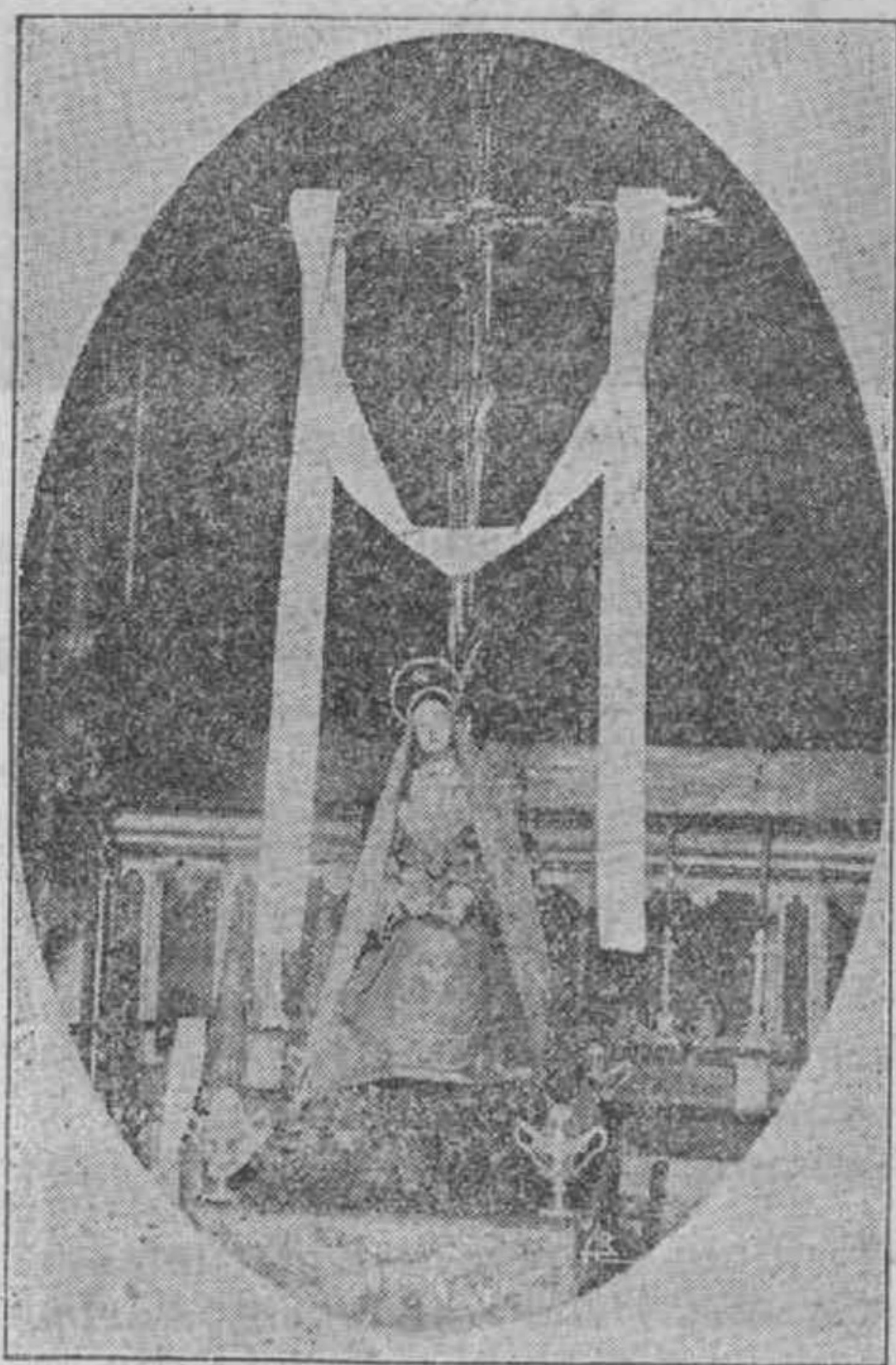
nhor collocou a seu lado a mão carinhosa da mulher, que lhe enchugou as lagrimas! D'essa mulher foram ditos os destinos do calvario:

Mulher! ahí tens teu filho.

D'essa mãe fallou Jesus Christo ao discipulo, apontando para a sua:

Ahí tens tua mãe.

MARIA! coração ralado de tormentos, e sempre carinhoso em receber o deposito das nossas lagrimas! MARIA! bemdita en-



VIRGEM DA SOLEDADE DE OVAR

(Cliché de Ricardo Ribeiro)

tre as mulheres, pomba mystica que desces do seio dos anjos a poisar sobre o coração do homem, que te chama na hora do seu remorso! MARIA! formosa palma de justiça, lyrio purissimo de castidade, que floresces no seio d'aquelles em que a mão do crime semeara espinhos de tormentosa desesperação! MARIA! carinhosa

mãe, que me foi dada no calvario, a mim orphão dos afagos d'aquella, que tão cedo me abandonou no meu primeiro somno de innocencia! MARIA! cumprí em mim aquelles destinos, que vosso Filho nas agonias do passamento vos confiou! Sêde o meu amparo, para que eu não murmure, nas minhas horas de fallecimento, aquella penetrante queixa de vosso filho:

Meu Deus, meu Deus por que me desamparastes?

Que exclamação é essa de filho abandonado nas ultimas aspirações de sua alma, nos ultimos arquejos de seu peito roxeado pelos vergões das disciplinas?

E' a derradeira prova de amor de Jesus Christo ao genero humano.

E' o Deus que se priva de todas as consolações, para lavar as nodoas do homem com a ultima gota do seu sangue. E' o ultimo trago que o calix da agonia derrama n'aquelles labios, onde a palavra da Redempção deve ter o seu complemento pelo grito da sede abrazadora.

Tenho sede

exclamava Jesus, quando o anjo dos flagellos lhe descia o véo da morte nos olhos que se fechavam sobre o mundo resgatado. Era uma sede espiritual da nossa salvação. Era o incendio do coração, que lhe escaldava os labios; o incendio do amor, que tão ingratos recompensamos com a perversidade da indifferença.

Pai! Em tuas mãos entrego o meu espirito

O espirito do Filho Deus expiara os peccados do genero humano.

Os nossos orgulhos tinham sido perdoados pelo preço dos opprobrios, soffridos por Jesus.

Quando Lucifer era lançado ás trevas eternas, Christo estendia-nos a mão ensanguentada ao fundo abysmo da culpa.

Do sangue do justo renascêra uma geração nova.

O mysterio da Redempção, em todos os seus lances de sangue, estava cumpri-

do. A morte do Enviado do Senhor era a ultima letra das prophcias.

O enviado, pois, quando o extremo halito da vida lhe sahiu do peito, a face lhe pendia morta, e a natureza se carregava de trevas, e os mortos surgiam dos tumulos, e o véo do templo se rasgava... murmurou a palavra final da sua paixão:

Tudo está consummado.

O ecco d'esta palavra será o brado condemnador para aquelles que a desprezaram na vida, e, no ultimo dia do seu tempo, não saberão comprehendel-a.

C. C. B.

Kossanna, Jesus!

Tombara a idolatria!... A crença pura
N'um Deus sómente, o mundo illuminava;
Em vão o paganismo fulminava
Os arautos da fé pela tortura!

N'aquelles corações a luz brilhava,
N'uns lampejos de paz... Plena doçura
Tem os travos da morte, precursora
Da eterna redempção que os aguardava.

Eis senão quando da victoria o brado
Unisono reboa, promanado
d'Aquelle que o Universo architectou:

Jesus levanta o labaro bemdito.
E da bella moral o excelso grito
No supplicio da Cruz se eternizou!

B. C. de Carvalho.

A tragedia do Calvario

Lá jaz sobre o Golgotha, moribundo, pendido do sacrosanto lenho, aquelle que aos homens deu a salvação, que os ensinou a amarem-se mutuamente, que remiu o genero humano; aquelle que ressuscitou Lazaro, aquelle que ainda ha pouco entrara em Jerusalem, victorioso, e á frente de tanto povo, cantando hymnos festivos.

Lá está moribundo, o que veio á terra, ensinar aos homens os preceitos divinos;

o que para salvar-os deu o seu sangue e a sua vida.

Lá está moribundo, mas ainda a sua



NO CALVARIO

ultima hora foi dedicada aos homens, pois que levantando os olhos ao céu, disse a seu Eterno Pae:—«Perdoae-lhes que não sabem o que fazem.»

A. B. S. A.

CRUCIFIXO

—Minha mãe, quem é aquelle
Pregado n'aquella cruz?

—Aquelle, filho, é Jesus...
E a santa imagem d'elle!

—E quem é Jesus?—E' Deus!
E quem é Deus?—Quem nos cria,
Quem nos manda a luz do dia
E fez a terra e os ceus.

E veiu ensinar á gente
Que todos somos irmãos,
E devemos dar as mãos
Uns aos outros irmãmente.

Todo amor, todo bondade!
—E morreu? Para mostrar
Que a gente pela verdade
Se deve deixar matar.

João de Deus.